

Mudança ou estagnação

Por ocasião do encerramento do XIV congresso hemisférico das Câmaras de Comércio e Indústria Latinas, em Miami, as principais lideranças empresariais do Distrito Federal enviaram um manifesto de apoio às medidas econômicas constantes do plano Itamar. O manifesto, certamente, tem muito a ver com o que foi visto e sentido por lá pelos empresários candangos. Em Miami, que é vista como uma capital latina dentro dos Estados Unidos, tiveram uma consciência mais plena de que a crise econômica é um fantasma que paira sobre todo o continente latino-americano e até mesmo ameaça as relações deste com o seu principal comprador, os Estados Unidos.

Um número espelha bastante bem a profundidade da crise brasileira. Os bancos que, há cerca de dez anos, detinham 8 por cento do produto interno bruto brasileiro empolgam hoje 20 por cento. Paralelamente, a indústria perdeu, só no ano passado, 3 por cento da sua participação. Ora, essa é uma grave anomalia. E os bancos, na verdade, não chegaram a essa posição investindo recursos na produção, e sim na ciranda financeira incentivada pelo Estado. Essa foi uma particularidade do continente latino mas que hoje se concentra no Brasil, já que nossos vizinhos todos conseguiram domar a inflação e, com inflação baixa, naturalmente, o dinheiro flui para a produção. Há quem diga, por exemplo, que no dia em que cair a inflação no Brasil um número muito grande de bancos vai fechar as portas.

Um sinal importante percebido pelos empresários brasilienses em Miami foi o que parece ser o prenúncio de uma queda nas

compras norte-americanas. Apesar dos esforços de Bill Clinton, os Estados Unidos não devem registrar este ano um crescimento acima de 1,5 por cento, marca insuficiente para alavancar a demanda. Não é muito provável que os norte-americanos continuem a tolerar a relação comercial que mantêm hoje com o Japão, totalmente favorável aos nipônicos. Certamente, os estadunidenses terão de pôr de lado sua prática liberal se não quiserem ser batidos indefinidamente pela indústria japonesa, mais ágil, eficiente e competitiva.

O caminho para a recuperação econômica brasileira — difícil, espinhoso — é mais ou menos conhecido de todos. O que falta é a vontade para implantar as mudanças necessárias. Enquanto parcela importante da população continuar ganhando dinheiro com a especulação e confundir este dinheiro com lucro — o lucro é obtido pela atividade produtiva —, o País ficará no atoleiro.

No próximo ano, o presidente do Comacol será o empresário brasiliense Newton Rossi. A intensa participação de empresários de Brasília em congressos dessa importância é um sinal de que realmente a capital da República está caminhando para ocupar seu papel de centro de integração da América do Sul. Por causa de acidentes geográficos tremendos — florestas imensas e cadeias de montanhas — e de governos incompetentes, a América do Sul ainda não se integrou efetivamente. Mas é preciso trabalhar logo para isso. Não se deve menosprezar a lição mais recente da história, que é a da união dos países em blocos econômicos regionais.